

## RESENHAS

FREIRE, P.: A alfabetização de adultos — Crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica. In: **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979. P.p.: 12-23.

Márcio Chaves-Tannus\*

Paulo Freire começa o artigo em questão tentando caracterizar o que ele chama "concepção ingênua do analfabetismo" (p. 13). Para tanto, ele nos fornece, de início, dois traços definitórios desta concepção. O primeiro seria o entender o analfabetismo como algo a ser sanado, curado do organismo social. O segundo, o de considerá-lo como resultado da falta de inteligência e da preguiça notória dos analfabetos.

A estreiteza desta concepção determinaria, segundo o autor, o caráter mecânico, inadequado da solução que ela propõe ao problema. O processo de alfabetização seria visto como o ato de transferência cumulativa de palavras e sílabas do alfabetizador ao alfabetizando. Ainda decorrentes dos estreitos limites desta concepção seriam a atitude messiânica frente ao alfabetizando, assumido como indivíduo a ser salvo, e finalmente uma visão mágica da palavra que a enxerga como algo a ser meca-

nicamente repetido, como se se tratasse de um ritual.

Descrição sombria de uma concepção a ser naturalmente evitada. A pergunta que, no entanto, se impõe, porque decisiva, para a avaliação do alcance teórico e amplitude do significado prático das propostas do autor, é se sua descrição é a de um, ou alguns-casos particulares, específicos, ou se ela se pretende geral, no sentido de afirmar uma ligação lógica necessária entre os diversos elementos componentes do quadro por ela apresentado. A falta de referências a fatos e/ou lugares concretos que restringiram, localizando, e precisando o alcance da explanação, permitem-me supor a pretensão de generalidade da descrição oferecida.

Ora, como primeiro, merece destaque o fato da falta de elementos, no interior do artigo, em condições de fornecer subsídios teóricos capazes de justificar qualquer pretensão de generalidade,

\* Professor do Departamento de Pedagogia/UFU

relativamente ao quadro inicial traçado. Como segundo, a inexistência de qualquer referência à uma possível fonte teórica, exterior ao texto, que estivesse eventualmente em condições de preencher tais requisitos. Como terceiro, e último, a ausência, no corpo do texto, de um sinal indicativo da consciência destes fatos.

Resultado deste breve exame é a constatação que a postura "in-

gêna" e acrítica, atribuída por Paulo Freire a seus adversários, é também a sua no tocante a este aspecto particular, que é a sua atitude frente aos próprios prespostos teóricos.

Na análise do próximo artigo, serão caracterizadas mais detidamente as duas posições confrontantes a respeito da alfabetização de adultos.

FREIRE, P.: Ação cultural para a libertação. In: **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979. P.p. 42-85.

Começarei minha análise, deste segundo artigo, citando a segunda frase do primeiro parágrafo do texto em questão:

*"Assim, é com uma obviedade que começamos este trabalho: toda prática educativa envolve uma postura teórica por parte do educador". (p. 42).*

Nesta frase, o autor enuncia um princípio cujo significado, no contexto que momentaneamente me interessa, é o seguinte: as diferentes técnicas de alfabetização de adultos, desenvolvidas pelas duas concepções diversas: a "sistemática" e a "popular", são diversas entre si exatamente em função da diversidade das filosofias que as orientam; em função de serem duas, e serem diferentes uma da outra as maneiras de cada uma delas conceber o homem e o mundo.

Segundo Paulo Freire, o traço mais marcante da concepção di-

ta "sistemática", por ele denominada "digestiva", seria a redução teórica, como prática, do analfabeto a uma espécie de depósito que armazena paulatinamente o que lhe é transmitido pelo alfabetizador.

Esta concepção o autor a denomina "ingêna", porque, de acordo com ele, acrítica relativamente à ideologia e aos interesses das classes dominantes. A prática de alfabetização que dela decorre, abundantemente ilustrada e analisada por Paulo Freire, manteria, e reforçaria mesmo, uma consciência igualmente "ingêna" do alfabetizando em relação ao universo político e social que o circunda, e que o inclui na qualidade de dominado. Tal prática provocaria a domesticação do alfabetizando, transformando-o em vítima dócil de uma realidade que ele não entende. Ela o impediria, portanto, de atuar sobre esta mesma realidade em sua dimensão inteira de

homem, de ser que molda o real que o cerca, que dá origem à história, criando-a e transformando-a em plena consciência.

Como alternativa a este estado de coisas, o autor nos propõe:

*"Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. (...) Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizando assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores". (p. 49).*

A seguir, ele descreve e comenta alguns experimentos com o intuito de dar à sua posição o necessário embasamento prático.

Nos dois últimos parágrafos da primeira parte de seu trabalho o autor conclui:

*"Na nossa posição, o que defendemos e propomos é que os textos de leitura dos alfabetizando venham preponderantemente deles próprios e a eles voltem para a sua análise.*

*Para isto, porém, é preciso que acreditemos neles e, em nossa prática com eles, nos tornemos seus educandos também". (p. 64).*

O restante do artigo de Paulo Freire aborda aspectos que extrapolam os limites e as possibilidades estreitas deste meu comentário.